



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO- BRASILEIRA (UNILAB)
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ALDEMIR ANDERSSON DE SOUSA AUGUSTO

**A SECA DE 1932 SEGUNDO O JORNAL *O DEBATE*: POLÍTICA DE
SOCORROS, TRABALHO E TENSÕES NA PERSPECTIVA DE SEUS
CONTEMPORÂNEOS**

REDENÇÃO - CE

2023

ALDEMIR ANDERSSON DE SOUSA AUGUSTO

A SECA DE 1932 SEGUNDO O JORNAL *O DEBATE*: POLÍTICA DE SOCORROS,
TRABALHO E TENSÕES NA PERSPECTIVA DE SEUS CONTEMPORÂNEOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Rafael da Cunha Scheffer.

REDENÇÃO – CE

2023

RESUMO

O presente projeto tem por finalidade analisar como o jornal *O Debate* noticiou a crise e a condição do Estado do Ceará e sua população durante a seca de 1932. A figura do retirante dependente do socorro do governo e as estratégias de enfrentamento à seca são objetos de interesse da presente discussão. Em conjunto com a bibliografia, através da análise das manchetes e matérias do periódico citado serão discutidas a caracterização dos indivíduos afetados pela seca, dos agentes do Estado e as relações de força e trabalho imposta na política de socorro aos retirantes, o que vai nos permitir compreender melhor a construção da narrativa historiográfica acerca da população flagelada.

PALAVRAS-CHAVE: JORNAL; ESTADO; CEARÁ; SECA; RETIRANTE.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO	7
3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA A SER INVESTIGADO	12
4. OBJETIVOS	13
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
6. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	17
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

1. APRESENTAÇÃO

Historicamente a região do Nordeste Brasileiro é acometida de tempos em tempos por períodos de estiagem severa, entendendo estiagem como um período prolongado de baixa pluviosidade, segundo o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais - CEMADEN (2013). Falando especificamente do Estado do Ceará, sua história é definida por esses períodos. Segundo Raimundo Girão no seu livro *Evolução histórica cearense*, o mesmo discorre que cronistas se referem a seca no território desde 1607 (GIRÃO, 1985, p. 193), levando em conta que a chegada portuguesa neste território data de 1603 observamos como esse aspecto sempre foi presente no Ceará ou território que veio a ser.

A seca e estiagem produzem diversos problemas nas mais variadas áreas que possamos pensar, como a dificuldade em plantar e criar animais, que afeta diretamente a população, seja no quesito de economia ou na própria criação para a sobrevivência. A fome e a sede são dois problemas que atingem populações ao redor do mundo e são comumente citados quando se fala em seca ou períodos de estiagem como o estudado neste trabalho, e seu combate é pauta fundamental em grandes debates sobre desenvolvimento em ação ou futuro. Tanto é que esses temas estão dentro de dois tópicos dos Objetivos de Desenvolvimento Social no Brasil como meta até 2030, sendo os itens dois (2) e seis (6), que tratam respectivamente sobre a fome zero e o desenvolvimento sustentável e água potável e saneamento (ONU BR. A Agenda 2030. 2015).

A partir do reconhecimento da importância desses eventos, esse trabalho tem por objetivo entender as visões e ações da sociedade cearense e do Estado para com o tratamento da crise e da população atingida pela estiagem no episódio da seca de 1932 no Ceará. Esse recorte temporal foi pensado a partir de uma análise prévia de fontes e bibliografias, no qual percebemos esse momento como significativo por representar um modelo amadurecido no combate aos efeitos da seca, assim como uma ocasião para a qual diferentes periódicos estão disponíveis, deixando suas visões sobre os acontecimentos e ações do governo. Para entender os vários impactos e questões deste contexto, vamos explorar as análises já desenvolvidas sobre o período buscando observar como funcionaram os socorros públicos e a criação e manutenção dos chamados currais da seca, comumente chamados de campos de concentração, além de outros aspectos que atingiram o Ceará e sua população no passar dessa crise climática e política até sua resolução.

E para construir uma visão mais aprofundada sobre as percepções dos problemas e soluções pensadas para este contexto, vamos explorar a cobertura da imprensa da época sobre

os eventos. Em especial, vamos usar por base os escritos e manchetes de um jornal da época, *O Debate*. Tal periódico esteve em funcionamento entre os anos de 1931 e 1932, com a assinatura do diretor Carneiro de Andrade e do redator J. Aragão e Albuquerque segundo registros na Hemeroteca Nacional da Biblioteca Nacional. A ótica desse jornal norteará as questões discutidas no presente projeto, e com base nos destaques de seus escritores buscaremos perceber como documentaram os fatos e histórias abordadas, em especial o enfrentamento a crise pelo o Estado e seus responsáveis e as visões sobre a população atingida. Tal periódico foi escolhido através de uma pesquisa prévia em meio a um recorte de periódicos registrados no estado entre os anos 1930 a 1939 e presentes na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Ele se destacou pela quantidade de relatos e manchetes sobre o período e crise (seca) e também por sua localização, tendo visto que próximo à sede do jornal (Sobral - CE) foi instalado um dos tratados campos de concentração, o de Ipu, sendo possível obter noções da situação que ocorria com os retirantes nessas cidades e proximidades e a reação dos locais frente a chegada dos mesmos. Fato observado é que na primeira edição do ano de 1932 (2 de janeiro) já continha escritos sobre a seca, chamado a atenção para isso. E periodicamente os escritores do jornal discorriam sobre o tema, proporcionando conteúdo e tecendo críticas a importantes nomes do governo e gestão, diferente de alguns outros jornais antes sondados (*O libertador*, *A Ordem*, *A Nação* e etc...) para a pesquisa.

Sobre aspectos comentados anteriormente, é de importância tentar entender como se construiu minimamente a imprensa no Ceará da década de 1930. E, nesse aspecto, perceber a diferenciação com o que entendemos hoje como imprensa e jornalismo vai ajudar a guiar esse entendimento do caso. Para tal usamos como arcabouço o artigo de Benedita Sipriano, *O jornalismo cearense nas décadas de 1920 e 1930: às relações entre "informativo" e "opinativo"*. Tal artigo nos ajuda a contextualizar o universo dos periódicos do período, para que possamos começar a discutir conceitos de jornalismo, com a autora apontando que: "valores como 'objetividade' e 'imparcialidade' são construções históricas que emergiram no processo de desenvolvimento da atividade jornalística como prática profissional" (Sipriano, 2016. p. 141).

Com isso, buscamos perceber quem e como escrevia, o que pode ajudar a situar quais inclinações sociais e políticas estavam presentes naqueles escritos, nos quais características específicas como inclinações ao liberalismo, apoio à Igreja ou relação com o governo (seja dele apoiador ou de oposição) eram essenciais para a construção da narrativa histórica presente no trabalho. Conforme a própria Sipriano:

"Importante destacar que a prática de jornalismo tida como “informativa” tem como um dos princípios a suposta imparcialidade jornalística, segundo a qual o real deve ser descrito de forma isenta e precisa, em busca da “verdade dos fatos”. Porém, longe de ser imparcial, mesmo o jornalismo que se diz “informativo” (em oposição ao “opinativo”), é marcado pelos embates dos mais diversos grupos sociais. A objetividade, portanto, pode ser compreendida como um efeito de sentido, construído a partir de determinados recursos discursivos" (SIPRIANO, 2016. p. 142).

Outro fenômeno observado nas ações do governo para combater a crise foram os campos de concentração, já experimentados em outras ocasiões. Eram projetos de acolhimento pelo Estado da população advinda do sertão atingido pela seca em busca da capital Fortaleza. Em *História das secas (século XX)*, de Thomaz Pompeu Sobrinho, o mesmo apontava as limitações dessa estratégia do abarracamento ou campo de concentração, destacando que esses campos: “Tratavam-se de uma densa concentração humana em promiscuidade, que o Governo não podia manter em boas condições de higiene e moralidade por falta de recursos financeiros e pessoal competente e honesto que o administrasse" (SOBRINHO, 1982, p. 27).

Em suma, a partir da análise do periódico e de suas críticas vamos buscar entender diferentes percepções e críticas a respeito dos impactos da seca e das estratégias de lidar com os retirantes, compreendendo os valores e ideias dos contemporâneos, assim como os aspectos políticos das ações do Estado. Procura-se, dessa forma, compreender as ações e visões a respeito da classe trabalhadora sertaneja, impactada pelo grande número de mortes, os relatos de sofrimento e a migração desse povo para outras terras. Com uma análise mais focada, essa pesquisa busca contribuir com um debate mais amplo, sobre as narrativas do que passou esse que nas palavras de Euclides da Cunha (1902), é antes de tudo, um forte.

2. JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO

O Ceará de 1932 ainda estava passando pelos processos de mudanças advindos do debate e do movimento para modernidade ocorrido nos anos 20, em que segundo Ponte (1993), o “Aformoseamento continuou como uma das questões centrais do anseio de remodelação urbana da capital" (PONTE, 1993, p. 59). Entendendo esse processo como uma série de políticas envolvendo governo e sociedade civil que visavam a urbanização e a “higienização” das cidades, em especial a capital do Estado, o controle da população e da ordem pública eram de suma importância para os governos e elites locais.

Esse movimento que ficou conhecido como Belle Époque, era vinculado a uma elite dominante, elite essa que se espelhava principalmente na sociedade francesa da mesma época. Justamente nesse movimento se apresentam os debates sobre a modernização da cidade, com

a construção de grandes avenidas, reestruturação de órgãos, espaços públicos e afins. Situação essa que já havia ocorrido ou ainda se desenvolvia em diversas partes do Brasil, como no Rio de Janeiro, por exemplo. Destaca-se que essas políticas de organização social e das cidades se deu majoritariamente na capital, tendo vista que a situação que se desenvolvia no interior do Estado era algo completamente diferente. Frederico Neves (p.101, 1995) trata sobre essas políticas, que visavam “pelo imaginário das cidades modernas - limpas, higiênicas e produtivas - transformadas agora no centro de produção de significados para toda a sociedade”. Portanto, a capital do Estado deveria seguir esse modelo, tendo em vista seu espaço de poder a fim de servir de exemplo ao restante do estado.

“*O nordeste fragelado pela secas e pelo impatriotismo dos dirigentes nacionaes*”, é como o colunista que assina por Leugim descreve a situação social e política vivida por sertanejos cearenses atingidos pelo extenso período de estiagem aqui estudado, que perdurou do ano de 1931 ao começo de 1933. Retirada da edição nº 33 de *O Debate*, de 2 de janeiro de 1932, um sábado, a mesma versa sobre uma denúncia e um pedido de socorro frente a omissão dos órgãos do governo para com a crise instaurada, como o ministério das Viações (órgão máximo responsável pela questão), a Interventoria do Estado e a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas - IFOCS , esses em âmbito nacional, ou o Departamento das Secas, órgão estadual responsável pelo combate ao problema:

[...] conforme avaliação de um inspetor do ministério. O interventor no Ceará, Cap. Carneiro de Mendonça, cria o “Departamento das Secas”, em caráter provisório, com o objetivo de “centralizar e uniformizar todos os serviços relativos a socorro aos flagelados”(NEVES, 1995, p. 108).

Algo que segundo a matéria não estava sendo cumprido frente a situação enfrentada pelos sertanejos. A matéria em tela, suas críticas e as ideias, valores e visões de mundo por ela apresentados, trazem um exemplo do que observamos em diferentes edições do jornal, representando a fonte principal que vamos explorar a fim de trazer uma visão sobre o contexto. Esse é um exemplo de registro retirado do jornal a fim de desenvolver a discussão do presente projeto, no qual a partir da análise de notícias e manchetes será feita a construção narrativa dos fatos observados pelo periódico a fim de trabalhar sua visão sobre a seca e seus atingidos.

A crítica central tratada na manchete é a má gerência e a insuficiência das medidas públicas que deveriam enfrentar a seca e socorrer a população atingida, vide recorte da mesma:

Não podemos compreender nunca que se alegue razões econômicas quando se faz mister evitar a morte - pela fome e pela sede de tantos brasileiros. Às populações do baixo Jaguaribe sucumbem por mais dizer sem assistência dos homens que são responsáveis pelo destino de seu povo (O Debate, 02/01/1932).

Essa mesma matéria se dirige diretamente ao ministro da Viação, José Américo. "(...) único ministro do Norte" (fato comentado na manchete), a ele é delegada a crítica e também é para o mesmo que é feito o apelo:

O Sr. José Américo, que não tem se interessado convenientemente pela sorte de seus patrícios, declara que é de tal sorte grave o que se verifica nas zonas assoladas que, se não chover até dezembro, o nordeste sofrerá uma das mais terríveis secas da história S. S. que se não deu, ainda, ao trabalho de auscultar o estado das populações nordestinas, não tem perdido ocasiões de fazer declarações sobre a penúria nordestinas e aventar providências para efeito de publicidade. No entanto, na realidade, na ação concreta pouco ha feito com estes milhares de brasileiros do sentrião.[...]Que podemos esperar de um governo que se diz restauração, de moralidade, de justiça, de ordem, de regeneração de confraternisação e patriotismo, se elle não se interessa vivamente, verdadeiramente pelos seus subditos mais afastados e os deixa morrer a falta de pão que o diabo amassou (O Debate, 02/01/1932)

Aqui é pertinente comentar que mesmo a crítica sendo nominal ao Ministro, podemos elencar outros nomes de igual responsabilidade de causa, como o já citado Capitão Carneiro de Mendonça, como interventor federal no Estado e até mesmo a Getúlio Vargas, presidente em exercício durante o período discutido. Expressões como “dirigentes nacionais” fazem pensar o comentário. É possível observar a indignação exposta pelo colunista frente a situação e aos nomes que são responsáveis não pela crise, por essa ser climática e natural ao estado, mas pelo embate e resolução da mesma. Observa-se que, desde o início do ano (conforme data da manchete citada, 2 de janeiro de 1932), o jornal aqui estudado apresenta um posicionamento específico, no qual os escritos sustentam uma crítica direta e nominal ao governo vigente e governantes, e esse aspecto vem a ser muito importante a fim de analisar as questões pensadas em volta do posicionamento da imprensa.

Conforme observado, na edição número 34, de 9 de janeiro, umas das manchetes é direcionada ao interventor federal no estado, intitulada como “*Capitão Carneiro de Mendonça, salvai os pobres sertanejos!...*” Com o mesmo apelo da acima citada, a manchete evoca um socorro que deve vir dos governantes responsáveis:

O capitão Carneiro de Mendonça, atual interventor cearense, não é, talvez, desconhecedor da situação terrível em que se encontram diversas famílias cearenses. A fome com o seu cortejo sinistro de duendes, vai tomando conta dos pobres cearenses, matando esse povo heroico que presentemente não ver mais a miragem longínqua da Amazônia lendária (O Debate, 09/01/1932).

Outra questão tratada no texto, a partir das experiências adquiridas em razão de períodos de estiagem passados, como 1877 e 1915, era a apresentação do trabalho como uma das principais questões sobre o tratamento para com os retirantes e como proposta para resolução de problemas ligados a seca, Conforme Frederico de Castro Neves discorre em “*Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 a 1932)*” :

Às diretrizes estabelecidas pelo governo, portanto através do Ministério da Viação e

dá Interventoria, apontavam a urgência de ‘uma vastíssima organização do trabalho, para comportar os milhares de homens válidos que ainda podiam dar alguma coisa de si, antes que fossem mais devastados pela fome (NEVES, 1995, p. 108).

Teorizava-se que o trabalho seria uma parte fundamental para esse auxílio e que a “ociosidade” seria fator preocupante na crise. Portanto, esse assunto é constantemente citado na discussão do tema. O retirante deveria oferecer a sua força de trabalho enquanto sujeito dependente do socorro público Estatal de modo que esse deveria investir com urgência em obras para a ocupação dos retirantes, e consta como pedido na supracitada edição 34 “Consiga uma verba para mandar construir a ponte sobre o rio Acaraú, e, espantosamente, S. Excia. verá a equação de grande problema” (O Debate, 09/01/1932).

A relação entre o trabalho e o auxílio governamental acompanha as experiências de abarracamento no Ceará no decorrer da história. Neves (1995) estabelece essa concepção afirmando que durante a seca em 1915 “o trabalho ainda é visto apenas como assistência complementar e não como um fim em si mesmo.” Onde junto com ideias de controle social e novas práticas capitalistas de produção, a gerência do Estado à seca de 1932 contou com

O desenvolvimento de novas técnicas de produção e, principalmente, de uma mentalidade racionalizadora que se propõe a otimizar não só a atividade do trabalho mas também a educação e às políticas sociais, num momento de centralização institucional com a mudança de governo durante a chamada “revolução de 30”, favorecem a instalação de estratégias de amplo espectro social que mobilizem diferenciados setores e agências governamentais conjugados, atuando sob a direção e planejamentos iniciais” (NEVES, 1995, P. 107).

Fortalecendo a relação entre o Estado, a elite apresentada em inúmeros setores sociais detentora de poder econômico/político e o controle da massa retirante pelo trabalho, Kenia Rios (2014) afirma que:

Para combater a “desordem” provocada pelos retirantes que iam buscar a sobrevivência em Fortaleza ou em outras cidades, as classes dominantes ficavam relativamente unidas, arrefecendo diferenças em nome do progresso e da segurança na cidade. Todos concordavam em manter os retirantes afastados de Fortaleza. Não havia grandes divergências quanto à efetivação de políticas de isolamento para a população fugitiva da seca. Nos jornais de 1932, as medidas de combate à seca são solicitadas em um só coro: trabalho para os flagelados, construção de açudes, estradas e obras na Capital. (RIOS, 2014, p. 35).

A mão de obra nordestina está representada em diversos períodos e eventos durante a construção do Brasil, no qual se observam diferentes fenômenos de migração em massa dessa população, que se movimenta dentro do território nacional em busca de melhores condições de sobrevivência enquanto as regiões de onde são naturais passam por períodos de crise, geralmente causadas pela seca. Isso na história cearense está presente numa cronologia, tanto antes do período aqui estudado, conforme Lacerda (2006) “[...] no Ceará crises políticas, declínio da produção agrícola e sobretudo grandes secas, como às de 1889 e a de 1915, foram elementos importantes para a ida de grande número de cearenses para a região Amazônica.”

Como depois na década de 50 para a construção de Brasília, onde:

Movidos pela promessa de futuro melhor e com chances de mudança da qualidade de vida, as populações de migrantes, principalmente nordestinos, somavam-se em 12 mil pessoas antes mesmo do início da construção da cidade que chegavam à Brasília com a ideia de que ali encontrariam ofertas de emprego com salários altos e sem limites para rendimento. (ALMEIDA; JACQUES, 2017, p. 479).

. Porém, no período de estiagem aqui estudado, no ano de 1932 observou-se que essa movimentação antes quase que natural para fora do estado não aconteceu, conforme ainda escrito na manchete do dia 9 de janeiro:

Outrora quando uma seca qualquer a de 1877 e 1915, o afligia, ele o grande filho do Ceará, partia, como os bandeirantes paulistas, rumo a Canaan misteriosa e boa, e voltava com esmeralda e ouro, a refazer o rosário feliz de sua vida. Hoje não. Para quem apelar então? para o nosso supremo chefe que é responsável direto pelos destinos do Estado (O Debate, 09/01/1932).

Esse movimento que antes era direcionado para fora do estado, aconteceu internamente, onde o destino estimado era a capital Fortaleza, causando preocupação ao governo. A escolha por Fortaleza como destino principal está sujeita a diversas interpretações, ser um centro econômico e político, os métodos de orientação, políticas públicas de transporte, tudo isso pode ser levado em consideração. Levando em conta outras ocasiões nas quais essa massa retirante chegou à capital do estado, foi observado um total descontrole e caos, o governo tratou de estabelecer medidas para impedir esse avanço. E foi dentro dessas medidas que se desenvolveu o debate sobre questões de auxílio, dentre elas o trabalho como meio de enfrentamento à crise, conforme citado anteriormente. Uma dessas medidas foi a implementação de espaços de controle organizados pelo governo, intitulados de Campos de Concentração. Neves escreve que:

A instalação dos campos se deu a partir de dois critérios básicos: 1) do ponto de vista da localização, às concentrações são espalhadas pelo estado, evitando o acesso à capital e às aglomerações urbanas; 2) do ponto de vista da organização, a conexão com o trabalho nas obras públicas deveria ser o princípio fundamental (NEVES, 1995, p. 108).

Esses campos vieram a ser as áreas que o governo pensou e destinou para seriam entrepostos de auxílio para os retirantes, e nos quais poderia exercer o controle dessa massa que seguia rumo a capital em busca de ajuda. Esses foram organizados ao longo dos caminhos de ferro que cortavam o Ceará (principal meio de transporte da época e de orientação dos retirantes), conforme o governo definiu. Porém, devido à crise, ao número de atingidos e a ingerência por parte dos responsáveis, o que se observou foi uma grande mortalidade e propagação de doenças como a cólera pelos 7 campos espalhados no estado. Às relações de força e poder que foram impostas aos retirantes são pontos de interesse a serem observados na presente proposta de pesquisa, nos permitindo compreender visões sobre as experiências dos

flagelados pela seca, observando práticas do Estado, das forças de segurança, e a organização e debate sobre quais foram essas práticas exercidas e tratamentos oferecidos, podendo aprofundar nosso entendimento do período.

Prosseguindo pela narrativa do jornal, em 27 de fevereiro se discorre sobre “O governo e a agricultura”, já visando o início do período chuvoso:

Agora que se inicia o período das chuvas, cumpre aos nossos atuais dirigentes, auxiliar a lavoura, embora que modestamente, dentro das possibilidades econômicas do Estado, fornecendo-lhe os meios mais imprescindíveis para os serviços preliminares do cultivo dos campos (O Debate, 27/02/1932).

Aqui percebe-se uma esperança por meio do narrador, que vindo a chuva, a crise se resolveria, e essa resolução final poderia ser obtida ou fortalecida por meio do trabalho, em especial na construção civil e agricultura. Para tanto, o Estado deveria fornecer os meios para a recuperação. “Como a ninguém deve ser desconhecido, o fenómeno climatérico de que acabamos de sair, veio a criar para as populações agrícolas do nordeste uma verdadeira penúria” (O Debate, 27/02/1932).

Bastava agora que com o apoio do governo, a população sertaneja que “Desprovidas de tudo, opiladas, enfraquecidas pela premência de alimentos, paupérrimas, esfarrapadas e miseráveis” conforme escreveu Albuquerque (Redator do Jornal), pudesse se reerguer na sua terra ainda que desolada: “Cumprido, portanto, aos nossos dirigentes o dever imperioso de ir ao seu encontro, auxiliando o no que for necessário para a fortificação de seus esforços e dinamização de seu trabalho” (O Debate 27/02/1932).

Tendo por início essas manchetes do periódico e as narrativas que as mesmas tratam ou evocam, o presente projeto de pesquisa buscará agregar a construção da história regional, onde o Nordestino enquanto sertanejo deixa a sua casa e percorre o estado em busca de socorro com sua família. Debate e memória que perpassam questões econômicas, sociais e políticas, assim como territorialidade, pertencimento e migração.

Questões como essas são debates recorrentes na construção social do mundo, portanto, mesmo se tratando de um levantamento histórico de um acontecimento já passado, o fundamento da discussão e seus aspectos tratados visam desenvolver e discorrer sobre o mundo atual, no qual fenômenos naturais como períodos de estiagem ainda se convertem em graves crises, mediante fragilidade da população atingida e seu espaço de pertencimento, e os meios com os quais os responsáveis e envolvidos enfrentam esses fenômenos.

3. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA A SER INVESTIGADO

Nosso objetivo com esse projeto é, através do acompanhamento de como o jornal *O Debate* documentou a seca que atingiu o Ceará e sua população nos anos 1931-1932, entender as principais tensões, ações e responsabilidades no combate a esse fenômeno segundo a perspectiva do periódico. Com isso, buscamos entender a como parte da sociedade do período entendeu os ocorridos e as ações realizadas pelo poder público, o que nos ajuda a deduzir o conjunto de valores, ideias e visões de mundo daquela sociedade.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Compreender ideias, valores e visões de mundo expressas no periódico *O Debate* frente a crise da seca de 1932 no estado do Ceará.

4.2 Objetivos Específicos

- Identificar o posicionamento geral deste jornal e dos responsáveis que o escreveram;
- Apresentar e analisar a narrativa do periódico sobre a seca e seus atingidos, assim como das ações do Estado para mitigar a situação;
- Entender valores e percepções sobre as estratégias do poder público para combater a situação provocada pela seca;
- Compreender aspectos da história do Ceará da época resultantes da seca.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No presente trabalho, buscaremos explorar o ponto de vista do periódico *O Debate* sobre a ocorrência da crise da seca de 1932 no estado do Ceará, observando aspectos como ideais e valores (posicionamentos políticos, alinhamentos sociais e etc...), assim como críticas e apelos na busca por socorro público. Assistencia essa esperada pela população sertaneja retirante, que deveria vir do poder do Estado e da sociedade civil. Esse periódico esteve em funcionamento entre os anos 1931 e 1932, conforme registro da Biblioteca Nacional Digital. Época de interesse, visto que a seca relatada está no mesmo período temporal. Situado na cidade de Sobral - CE, o jornal foi publicado semanalmente, carregando em suas manchetes escritos e opiniões sobre política e relação entre Estado e população, conforme o mesmo se

denominava “Órgão de feição genuinamente popular, o verdadeiro arauto das aspirações coletivas” (O Debate, 09/01/32).

Manchetes presentes ao decorrer do jornal reforçam esse posicionamento de preocupação com o social, conforme caso do dia 9 de janeiro de 1932, na edição N°34, que escreve sobre a situação retirante com: “Capitão Carneiro de Mendonça, salvai os pobres sertanejos!...” em que se fortalece o pedido de socorro, clamando que “O Capitão Carneiro de Mendonça deve fazer um esforço em prol destes infelizes [...] Minorar os sofrimentos è o que todos nós esperamos de S. Excia [...].”(O Debate, 09/01/1932). A relação entre seca, retirante e Estado é observada neste trabalho e seus aspectos e definições interessam para a narrativa.

Sobre seca e estiagem, fenômenos aqui situados, Bergamaschi (2021) afirma que: “[...]são fenômenos relacionados à falta de água. Porém, estiagem tem significado restrito à falta de chuva, no sentido climatológico, enquanto “seca”, não raro, está associada a danos, prejuízos, problemas e necessidade de soluções.” Esses danos e prejuízos causaram no decorrer da história do Ceará, épocas de calamidade e miséria. Em 1932 a figura do retirante flagelado estava posta como sujeito que necessita de auxílio, mas assim era por conta de toda uma construção histórica passada.

A construção desse sujeito se dá por consequência de diversas experiências de crise, com as populações sendo atingidas de maneira muito parecida por problemas repetidos (seca por exemplo). A descrição aqui presente é construída no conjunto de literaturas e bibliografias, conforme escritos de Frederico Neves em *Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)*. Nesse capítulo o autor exprime uma série de entendimentos sobre a população e seu deslocamento, usa da literatura e pesquisa histórica para traçar essa linha cronológica. Neves aponta que a seca de 1845 deslocou a população do interior, que chegada a capital recebeu tão somente esmolas do governo; em 1877 a 1880, acontece uma mudança das relações entre retirantes, habitantes e governo, tendo visto a situação de caos instaurado após a chegada de 100 mil retirantes a capital, que na época só contava com 27 mil habitantes. Esse caos despertou a população e governo local para a necessidade de ações de controle e auxílio para essa massa, “tem início então, a montagem de um imaginário que irá definir a figura do ‘flagelado’, o que só se dará efetivamente em 1915 [...] (NEVES, 1995, p.102).

Construção essa que se dá também na literatura brasileira em títulos como *O Quinze* (1930), *Vidas Secas* (1938) e *Morte e Vida Severina* (1955) que tratam desse recorte da classe trabalhadora, majoritariamente rural do nordeste brasileiro. Mesmo que em cada escrito nessa literatura o retirante tenha um nome, seja abordado individual ou coletivamente, o motivo que

o move é o mesmo, a seca o reduz a igual em miséria, onde mudados às obras, os problemas e espaços são os mesmos.

Com a chegada de retirantes à capital Fortaleza no ano de 1932, a elite que morava nos bairros abastados da cidade, e detentora de poder econômico, começou a se incomodar e exigir meios de controle visando a própria “segurança”. A migração observada em outras épocas conforme citado anteriormente, viria a ser novamente problema. Portanto, Kenia Rios disserta em *Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de concentração na Seca de 1932* (p. 80, 2014): “A sugestão de fixar os retirantes no Sertão não aparece em contraposição à ideia da migração. Nesta fase da seca, as classes dominantes queriam, antes de tudo, impedir a invasão descontrolada dos flagelados”. Com a autora, é possível estabelecer ligações com a temática e outras bibliografias aqui estudadas, em razão dela apresentar um eixo temático interessante ao desenvolvimento do trabalho, no qual elabora diálogos e explanações sobre seca, assim como o Ceará de 1932, a presença dos retirantes, o controle aos mesmos e a modernização e higienização de Fortaleza.

Como forma de controle, os já citados Campos de Concentração são fortalecidos. Kenia Rios afirma que:

Os novos Campos de Concentração deveriam ser interpretados a partir dos parâmetros de civilidade e modernidade que pairavam sobre os ares de Fortaleza no ano de 1932. Desse modo, argumenta que “Deixar os retirantes dispersos, dificultaria extraordinariamente qualquer tipo de trabalho ou de assistência mais cuidadosa junto aos mesmos. Reunidos ficam mais sob as vistas do governo e portanto estarão melhor amparados”(RIOS, 2014, p.80).

Essas definições tratadas pela bibliografia conversam com os escritos no jornal, nele fica evidente a necessidade máxima de trabalho e a importância da luta contra a ociosidade dos retirantes. Na edição Nº 49 se adianta que:

Quando estas 2000 pessoas concentradas no Ipú se acharem sem o pão que os pauperrimos cofres do Estado lhes vêm dando, é bem possível que não somente Ipú mas toda a linha seja atacada e vencida pelos famintos O povo se acha de todo desarmado (O Debate 14/05/1932).

A preocupação de revolta observada é outro ponto que perpassa a figura do retirante, que subjugado e controlado pelas práticas, métodos e forças do Estado, é visto como possivelmente violento, o que fundamenta seu controle. Junto a isso, o auxílio tem relação com o trabalho prestado, o Estado disponibiliza às obras e o retirante trabalha nelas, estabelecendo uma relação que justifica o recebimento do auxílio empregado ao sertanejo retirante.

O discurso de socorro aos flagelados, na seca de 1932, pretendia indicar uma preocupação com a “civilidade” desses indivíduos. Nos jornais, nota-se a constituição de um projeto que se mostra com intenções de disciplinar os retirantes,

levando-lhes, em certa medida, a ordem e a moral que também a cidade dos ricos queria para si (RIOS, 2014, p.64).

Ilustrando essa afirmativa, em *O Debate* seguindo a mesma edição, Nº49 “Que tal não aconteça mas, por ora, somos obrigados a pensar desta maneira Nada de serviços até agora e da mente deste povo faminto nada se espera de bom” (*O Debate*, 14/05/1932).

É essa bibliografia que apoia a ideia do projeto, a condição do Estado e sua população é abordada por Kenia Rios, que combinado aos recortes jornalísticos presentes constroem a narrativa buscada. Os atores nesses processos também são identificados em bibliografia, “Os poderes públicos bem como a burguesia de Fortaleza entendiam que era urgente conter a força demolidora da multidão que chegava de todas as partes do Estado” (RIOS, 2014, p.68). A burguesia está presente nesse escopo de decisões, participando ativamente no governo e debatendo os rumos sociais das cidades, sendo representada pela classe política.

Em um diálogo entre fontes, Frederico Neves (1995), relaciona Estado, Elite e Retirante, na construção de estratégias de auxílio e controle. Em meio ao crescimento das cidades, saberes e poderes se desenvolvem, relações se estabelecem e ordens são impostas.

Este saber sobre a cidade, que busca sua remodelação e adaptação à civilização e à modernidade, se constitui, portanto, em contraste e em confronto com estas invasões recorrentes dos “bárbaros” famintos ou revoltados, ou ambos. Um ambiente propício a intervenções mais radicais vai se delimitando.

[...] O dispositivo do isolamento pareceu a estas elite a única alternativa capaz de evitar o pânico e a desordem, assim como poderia permitir o prosseguimento da caminhada modeladora rumo ao progresso (NEVES, 1995, p. 104).

Essa relação de controle, ganha mais características quando em diálogo com o texto de Rios (2014), que apresenta uma perspectiva mais assertiva da elite moradora da capital. Nas palavras da autora:

No momento em que a seca é declarada, a cidade começa a tecer uma rede de relações com as quais se cria um cenário de terror. Anúncios alarmantes pedem socorros, e comerciantes amedrontados exigem medidas do governo. A imagem da preocupação com a seca e mais ainda com o flagelado dava respaldo e legitimidade aos projetos das elites para o controle da situação.(RIOS, 2014, p. 68)

Estado, Elite e Retirante, no decorrer desta narrativa se estabelecem práticas e se constroem conhecimentos sobre o controle social das massas, um governo que entendeu o que funcionou para seus objetivos, segundo Neves:

O desenvolvimento de novas técnicas de produção e, principalmente, de uma mentalidade racionalizadora que se propõe a otimizar não só a atividade do trabalho mas também a educação e às políticas sociais, num momento de centralização institucional com a mudança de governo durante a chamada “revolução de 30”, favorecem a instalação de estratégias de amplo espectro social que mobilizem diferenciados setores e agência governamentais, conjugados, atuando sob a direção e planejamento únicos. (NEVES, 1995, p. 107)

Haja visto os personagens evocados, os que controlam (por diferentes setores e agências) e os controlados, alvos das “estratégias de amplo espectro social”, discorrem durante o trabalho sobre suas relações desenvolvidas em meio ao Ceará de 32. Diversas vezes o jornal agrega nomes que serão responsáveis pelo controle e gestão dos retirantes, conforme edição N° 52:

Com o Tenente Jeová Mota chefe do departamento dos negócios municipais veio dr. Vinício Barreto que, segundo nos consta, será o encarregado das modificações dos estudos do açude Jaibara e de sua construção. Tudo isto se fará em pouco tempo, e, brevemente, os flagelados do Ipú terão serviço. Incontestavelmente estes pobres afeitos ao trabalho sentem-se mal viver por tanto tempo na ociosidade. A quem Deus promete não fálha, embora tarde um pouco (O Debate, 11/06/1932).

6. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Esse projeto de pesquisa usa do aspecto metodológico da pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p .21-22).

Pois, no universo de significados postulados no trabalho, a ocorrência dos fatos sociais aqui apurados (Auxílios, Migrações, Revoltas e etc...) em consequência da seca, são suficientes para justificar sua presença na pesquisa. A pesquisa bibliográfica usa de fontes variadas na sua construção, segundo Gil (2002 p. 64) “fontes bibliográficas podem ser livros (de leitura corrente ou de leitura de referência), publicações periódicas (jornais e revistas) e impressos diversos”. Portanto, a análise de jornais como fonte aqui presente se caracteriza possível e com seu uso justificado.

O método utilizado nesse projeto de pesquisa será a análise de jornal, especificamente do periódico semanário *O Debate*, que esteve em circulação entre os anos 1931 e 1932 na cidade de Sobral - CE, assinado por Cordeiro de Andrade como diretor geral, J. Aragão e Albuquerque como redator e Abdias Lima como secretário.

A análise de jornais faz parte desse trabalho se apoiando na sua importância como fonte histórica.

[...] metodologias ligadas à história nova – Escola dos Annales -- que proporciona trabalhar com fontes variadas – bibliográficas, de imprensa jornalística, de história oral, documentos – e também temas diversos, pois se considera a história política e cultural de uma sociedade. Nesta sistemática de pesquisa, é tarefa do pesquisador

valer-se de fontes e argumentos, criando assim hipóteses e almejando conclusões sobre as problematizações feitas (WEBER, 2012, p. 10).

A partir dessa concepção acerca dos jornais como fonte histórica e pertencente a um campo metodológico que amplia as percepções da construção historiográfica, a Escola do Annales, pensaremos a relação da imprensa e da História.

Lapiente (2015), em seu texto destaca o processo de conexão entre a historiografia e os periódicos como fonte, e coloca que ainda na década de 1970 eram poucos os trabalhos que utilizavam jornais e revistas para as pesquisas. Isso porque se carregava uma dicotomia que colocava de um lado as fontes documentais e do outro as novas possibilidades de fontes, dentre elas os textos jornalísticos, com a finalidade, ou obsessão da busca pela verdade.

Até a primeira metade deste século [século XX], os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento-jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade (CAPELATO, 1988 apud LAPUENTE, 2015, p. 02).

Está posto uma relação antagônica, “contudo, essa concepção do uso do jornal como fonte, aos poucos, foi sendo superado, produto de um empenho para se repensar a História, suas dificuldades, enfoques e objetos” (LAPUENTE, 2015, p. 02).

Pensando no jornalismo do Nordeste nas décadas de 1920 e 1930, Sodré (1999) discorre que o ofício da imprensa e do jornalismo estava passando por uma mudança estrutural, que consistiu na troca do sistema de produção artesanal para o industrial, onde “são raros os jornais de província com estrutura de empresa [...], a matéria principal deles é também a política, e a luta política assume, neles, aspectos pessoais terríveis, que desembocam, quase sempre, na injúria mais vulgar” (SODRÉ, 1999, p. 324).

No que diz respeito a essa produção da imprensa e dos jornais, um aspecto é definitivo a fim de entender o texto jornalístico como fonte, seria a caracterização do jornal como sendo “opinativo ou informativo” onde a vertente opinativa discorre escritos e manchetes do jornal que carregam as opiniões e posicionamentos do seu dono e/ou redator, “o papel dos jornais é essencialmente opinativo, visa veicular organizadamente a doutrina e a opinião dos partidos na sociedade civil” (RÜDIGER, 2003, p. 37). Já no decorrer da industrialização da imprensa, percebe-se a mudança dessa prática opinativa para o informativo onde:

[...] a prática de jornalismo tida como “informativa” tem como um dos princípios a suposta imparcialidade jornalística, segundo a qual o real deve ser descrito de forma isenta e precisa, em busca da “verdade dos fatos”. Porém, longe de ser imparcial, mesmo o jornalismo que se diz “informativo” (em oposição ao “opinativo”), é marcado pelos embates dos mais diversos grupos sociais. A objetividade, portanto, pode ser compreendida como um efeito de sentido, construído a partir de determinados recursos discursivos. (SIPRIANO, 2016, p. 142).

Tendo em vista o estado do Ceará, onde os acontecimentos da pesquisa se passam, Sipriano (2016), aponta que “no jornalismo cearense, nas primeiras décadas do século XX, predominava o paradigma opinativo, considerando que a produção jornalística estava fortemente vinculada a grupos político-partidários.” onde podemos entender cada jornal como defensor de um ponto de vista, seja ele político, econômico, social, religioso e afins.

Usando desse método e contando com as definições e narrativas acerca da imprensa no Ceará e sua construção, se discorre sobre a figura do retirante e o tempo e espaço onde o mesmo está inserido historicamente.

Essas feições, que tem como principal amparo a literatura e colocam o retirante no lugar da criatura que se movimenta passivamente, de forma “animada” e “ingenua”, também contribuíram para o atrelamento desses migrantes a animais em diferentes escritos. Romances como *A Fome*, *Luzia-Homem*, *Os Cassacos* (Andrade, 1934), *O Quinze* (QUEIROZ, 1993), *Aves de Arribação* (SALES, 1979) e *Vidas Secas* (RAMOS, 1983), por exemplo, propagam uma concepção fatalista no qual a aridez do sertão desgracia às criaturas, sendo a causa potencial dos males sertanejos. Além do mais, algumas dessas obras fazem comparações diretas do retirante como animais. (CASTRO, 2018, p.52).

Apresentada essa figura do sertanejo retirante, o espaço onde o mesmo se encontra é de igual importância, conforme tratado anteriormente, o Ceará de 1932 é entendido como refém da seca e a ferrovia que cruza o estado pode ser vista como palco da caminhada retirante com a capital Fortaleza por destino.

Os flagelados caminhavam longos trechos a pé, em busca de uma cidade com estação de trem. As estradas de poeira findavam quando se encontravam com os caminhos de ferro. Das estações ferroviárias saíam grandes levas de retirantes em direção à Capital (RIOS, 2014, p.18).

É ao longo dessa ferrovia, que são implantados os campos de concentração e a construção e ampliação da mesma, usou de larga mão de obra retirante, haja visto que o trabalho foi pauta fundamental quando se pensava e discorria sobre o tratamento do Estado aos atingidos pela seca. Os campos aqui citados são, talvez, o instrumento máximo de controle e gestão dos retirantes pelo Estado, cercados pelo mesmo (Estado) e observados de longe por outros (Elite local e população das cidades). Conforme Frederico Neves (1995) aponta:

A instalação dos campos se deu a partir de dois critérios básicos: 1) do ponto de vista da localização, às concentrações são espalhadas pelo estado, evitando o acesso à capital e às aglomerações urbanas; 2) do ponto de vista da organização, a conexão com o trabalho nas obras públicas deveria ser o princípio fundamental. (NEVES, 1997, p. 108).

Em conjunto desse suporte bibliográfico citado durante o trabalho, a análise jornalística busca discorrer sobre os fatos, histórias e narrativas passadas pelos sertanejos retirantes em situação de seca e o tratamento e auxílio do Estado aos mesmos. Apoiando essa

assertiva da presença histórica dessa população nesse tempo e espaço, o periódico estudado *O Debate* trata em suas manchetes sobre esse sofrimento enfrentado constantemente. Na edição nº 46, de 16 de Abril, o jornal apresenta a manchete “Hora sombria” que discorre o seguinte:

DESENNOLAM-SE aos nossos olhos, crueis e dolorosas perspectivas. E’ a hora sombria que suou, no relógio inexorável do tempo, anunciando, impassivelmente, o prologo fatal de uma tragedia humana,
O cearense vê-se a braços com uma das mais desoladoras crises climatericas por que ha atravessado nestes ultimos tempos.
[...]
E começa o exodo...
Levas de famintos emigram, em procura da vida.
No entanto, vão em busca da morte, noutras terras, noutros cêos, de outras gentes!
Muitos e muitos vão servir de repasto para o banquete tetrico das aves de rapina, que sonham com a “ruina dos cemiterios!”
Triste sorte a do cearense! (O Debate, 16/04/1932)

Passagens como essa evocam e exemplificam o sofrer sertanejo que foi passado frente a seca, a incerteza do socorro vindo do governo e da sociedade civil para com os retirantes também pode ser observado nessa manchete. Seguindo com o jornal, os impostos do governo terminam por agravar ainda mais a situação, tendo visto a edição nº 48 de 30 de Abril, novamente é citado essa problemática.

Os pobres sertanejos já desenganados do inverno, cruzam os braços e cabisbaixos, aguardam o desenrolar dos fatos. Não podem retirar nem salvar seus rebanhos. Para retirar-se o gado paga-se imposto. Si não retira lo, paga sempre. Si cuidar da pecuária perde tudo: -gado tempo e dinheiro. preocupa se o criador com a seca e com os impostos. (O Debate, 30/04/1932)

Reforçando a afirmativa de que o socorro público advindo do Estado seria em parte o fortalecimento da ação do trabalho em obras públicas por meio da mão de obra retirante, o jornal apresenta obras que poderiam vir a ser de interesse do Estado, sendo o caso por exemplo, onde na mesma edição nº48 se discorre a respeito da construção de um açude na cidade de Granja, distante 328 km da capital Fortaleza e 99km de Sobral, cidade onde o periódico em questão está situado

A seca é geral. Não ha excepção. O governo do Estado pode ficar certo que o Ceará, em peso, sofre às suas consequencias terriveis, motivo porque os serviços publicos devem se estender por toda parte.
[...]
Existe no município de Granja o Açude JUREMA, estudado e aprovado, cujos estudos estão no arquivo da Inspecoria de Obras Contra às Secas, em Fortaleza.
A bacia hidraulica desse açude tem 60 milhões de metros cubicos.
O Capitão Carneiro de Mendonça conseguindo mandar dar início a este reservatorio, terá feito um grande beneficio àquele povo que certamente cairá de joelhos, bemdizendo a sua gestão governamental. (O Debate, 30/04/1932)

Desse modo, os escritos do jornal constroem uma narrativa de fatos, listando problemas e denunciando a ingerência do Estado, conforme apoiado na bibliografia proposta, por meio desta série de notícias, manchetes e apelos se pode criar o imaginário sobre a época,

tentando o máximo a ambientação se baseando nesses relatos a fim de discorrer o interesse da pesquisa de como o Periódico *O Debate* documentou a crise e a condição do estado e sua população.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇUDE “Jaburú”, *O Debate*, 30 de abril de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

ANÚNCIOS ,*O Debate*, 09 de janeiro de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

BERGAMASCHI, Homero. A “SECA” In: FEDERACITE (Org). **Sustentabilidade como fator de competitividade em sistemas agropecuários**. Esteio: FEDERACITE, Federação dos Clubes de Integração e Troca de Experiência, 2011.

CAPITÃO Carneiro de Mendonça, salvai os pobres sertanejos!. *O Debate*, 09 de janeiro de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

CASTRO, Lara de. Cassacos, Retirantes, Migrantes, Trabalhadores: memória e representações em torno dos trabalhadores das obras públicas durante as secas. **TRABALHADORES, MIGRAÇÕES E NATUREZA NO BRASIL EQUATORIAL**, 2018.

COM Tenente Jeová Mota, *O Debate*, 11 de junho de 1932, Disponível em; <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de canudos*. 1902

GIRÃO, Raimundo. *Evolução histórica cearense*. Banco do Nordeste do Brasil SA, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1985.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2002.

HORA Sombria, *O Debate*, 16 de abril de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

JACQUES, Paola Berenstein; ALMEIDA JUNIOR, Dilton Lopes de. **A construção de Brasília: alguns silenciamentos e um afogamento. XII Encontro de História da Arte--Os silêncios na História da Arte**, Campinas: Unicamp, v. 1, 2017.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**, 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Encontro Nacional de História da Mídia, v. 10, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social**. in _____. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, Rio de Janeiro, 1994.

NEVES, Frederico de Castro. **Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 - 1932)**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 15, nº 29, 1995.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina**, 1955

NOTAS da semana, *O Debate*, 14 de maio de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

O governo e a agricultura. *O Debate*, 27 de fevereiro de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

O nordeste fragelado pela secas e pelo impatriotismo dos dirigentes nacionais. *O Debate*, 02 de janeiro de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. **Às Nações Unidas no Brasil**,

- Disponível em: <[Objetivos de Desenvolvimento Sustentável | As Nações Unidas no Brasil](#)>.
- OS pobres Sertanejos, **O Debate**, 30 de abril de 1932, Disponível em: <[O Debate \(CE\) - 1931 a 1932 - DocReader Web \(bn.br\)](#)>.
- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque**. Fortaleza, FDR/Multigrafia, 1993.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**, 1930
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**, 1938
- RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932** / Kênia Sousa Rios. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.
- SECAS. **CEMADEN**, 2013. Disponível em: <[Secas – Cemaden](#)>.
- SIPRIANO, Benedita. **O jornalismo cearense nas décadas de 1920 e 1930: as relações entre “informativo” e “opinativo”**. **Revista de História Bilros: História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)**, v. 4, n. 07, 2016.
- SOBRINHO, Tomaz Pompeu. **História das secas (século XX)**. 2ed. Mossoró, Ed. Mossoroense, v. CCXXVI, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- WEBER, Daniela Maria. **Metodologia para pesquisa em imprensa: experiências através D’O Paladino**. **Revista Signos**, v. 33, n. 1, 2012.